

O gosto pela leitura: travessias a partir crônica de jornal “Quintana”, de Mário Gardelin

*The taste for reading: crossings from the newspaper chronicle
"Quintana", by Mário Gardelin*

Marcell Bocchese¹

Resumo: Este artigo estuda a crônica e suas aproximações com a temática do gosto pela leitura. O objetivo é perceber como o gênero, manifestação jornalístico-literária, pode estar atuando na formação do gosto do leitor a partir do estudo da crônica “Quintana”, do jornalista caxiense Mário Gardelin, publicada em 1973 no jornal *Pioneiro*. O referencial teórico utilizado baseia-se em Bourdieu (2007), Barthes (1973), Coelho (2005), Magnani (1992), Montesquieu (2005) e Schneider (2008), dentre outros. As modalidades metodológicas empregadas, todas de orientação qualitativa, são a pesquisa bibliográfica, conforme Stumpf (2011), a análise documental, segundo Moreira (2011) e a análise de conteúdo (AC), via Bardin (2011). Conclui-se que a crônica, como gênero literário de fácil leitura, propenso a ela, pode ser considerado como texto formador do gosto do leitor pela leitura e, por consequência, também por temas nela abordados, como autor e obra, por exemplo.

Palavras-chave: Gosto. Crônica. Leitura. Jornal. *Pioneiro*.

Abstract: This article studies the chronicle and its approaches to the theme of taste for reading. The objective is to understand how the genre, as a journalistic-literary manifestation, may be acting in the formation of the reader's taste through the study of the chronicle "Quintana" by journalist Mário Gardelin from Caxias do Sul, published in 1973 in the *Pioneiro* newspaper. The theoretical framework used is based on Bourdieu (2007), Barthes (1973), Coelho (2005), Magnani (1992), Montesquieu (2005), Schneider (2008), among others. The methodological approaches employed, all of qualitative orientation, are bibliographic research, according to Stumpf (2011), documentary analysis, following Moreira (2011), and content analysis (CA), via Bardin (2011). It is concluded that the chronicle, as a literary genre of easy reading and prone to it, can be considered as a text that shapes the reader's taste for reading and, consequently, also for themes addressed in the chronicle, such as author and work, for example.

Keywords: Taste. Chronicle. Reading. Newspaper. *Pioneiro*.

¹ Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Introdução

Gênero *sui generis* do jornalismo brasileiro (Candido, 1992) e batizada por Melo (2003) como o relato poético do real, a crônica é presente com significativa ênfase na mídia impressa brasileira. A crônica é gênero leve. O gênero tem poder de ser percebido como objeto de leitura e pode ser igualmente entendida como importante instrumento de "leitura do mundo". O texto cronístico é considerado, portanto, gênero capaz de ser guardada para inúmeras representações de leitura. A crônica é, aqui, entendida como importante gênero literário que auxilia na difusão/divulgação de assuntos relacionados à leitura.

Esta pesquisa² utiliza a crônica de jornal como *corpus* de análise e busca perceber como o gênero, integrante de um sistema literário regional, pode contribuir na formação do gosto do leitor. Objetiva-se, de forma específica, investigar o cenário da imprensa escrita de Caxias do Sul da década de 1970 e suas relações a temáticas que dialogam com temas do universo da leitura. De alguma forma, também, contribui-se para a construção de uma história da leitura, da literatura e da comunicação da região da Serra gaúcha.

Utiliza-se uma metodologia de viés qualitativo, baseada nas modalidades metodológicas de pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2011), análise documental (Moreira, 2011) e análise de conteúdo (Bardin, 2011). A partir da pesquisa bibliográfica, objetiva-se a construção de um referencial teórico que sustente a base teórica para a análise da crônica. A análise documental, que costuma ser utilizada "no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos [...]" (Moreira, 2011), une-se à pesquisa como modalidade metodológica para que a pesquisa conquiste os objetivos projetados. A partir dela, portanto, identifica-se, verifica-se e aprecia-se o documento (a crônica). Por último, esta pesquisa vale-se das técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 2011) para o tratamento dos dados, a partir da "manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem" (Bardin,

² Fruto do estudo que gerou a tese de doutoramento intitulada *Representações de leitura em crônicas literárias de jornais de Caxias do Sul (1963-1983)* (Bocchese, 2019a), trabalho que, dentre 106 crônicas pré-selecionadas, utilizou-se de 14 como *corpus* de análise, todas publicadas em jornais de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

2011, p. 52). Como já visto, o *corpus* de análise deste artigo é constituído pela crônica “Quintana”, publicada no jornal caxiense *Pioneiro*³ pelo cronista caxiense Mário Gardelin⁴.

A formação do gosto pela leitura

A tarefa de conceituar o gosto, definido por Bourdieu (2007) como a faculdade de julgar valores estéticos de maneira imediata e intuitiva, não pode ser considerada simples.

É de Marco Schneider (2008) a afirmação de que o “conceito de *gosto*, do qual pouco se tem falado ultimamente, merece mais atenção, a começar por sua importância prática vital” (Schneider, 2008, p. 11, grifo do autor). Essa relevância seria “vital”, ainda de acordo com o autor, porque os seres humanos se relacionam com o mundo a partir de um processo de seleção, que envolve coisas, ideias e pessoas, por exemplo, “conforme sua propriedade, real ou aparente, de colaborarem para a satisfação de necessidades e desejos, e para a realização de projetos” (Schneider, 2008, p. 11).

Comparando os três modos alternativos de relacionamento do pensamento ou da consciência com a vida e o mundo, ou seja, o gosto, a ética e a lógica ou razão, Teixeira Coelho (2005) afirma que “[...] o gosto parece à primeira vista o mais incerto, o mais repleto de armadilhas e becos sem saída, a obrigar que sempre se retorne ao ponto de partida para em seguida refazer a viagem que permite apreendê-lo, compreendê-lo” (Coelho, 2005, p. 83).

Montesquieu (2005), em estudo sobre a temática do gosto inicialmente pensado para a *Encyclopédie* – “o livro máximo do Iluminismo”⁵ –, assevera que o sentimento é fundamental para o conceito do gosto: “a definição mais geral do gosto, sem considerar se se trata de bom ou mau gosto, um gosto adequado ou não, é que gosto é aquilo que nos liga a uma coisa por meio do sentimento, o que não impede que ele possa aplicar-se às coisas do intelecto [...]” (Montesquieu, 2005, p. 17).

³ Fundado em 1948, o periódico pode ser considerado um dos mais importantes jornais da região da Serra gaúcha. Desde o princípio da década de 1980, a circulação do jornal é diária. Atualmente, o veículo pertence ao Grupo-RBS.

⁴ Poeta, cronista, historiador e jornalista, Mário Gardelin graduou-se em História e Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), onde atuou como vice-reitor, professor, coordenador e presidente do conselho da editora da Universidade, a EDUCS. Foi correspondente da Companhia Jornalística Caldas Júnior e dos jornais *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Pioneiro* e *Correio Riograndense*. Além de trabalhar em emissoras de rádio da cidade, Gardelin atuou na política. Foi membro fundador da Academia Caxiense de Letras e, em 1992, patrono da Feira do Livro de Caxias do Sul. (Bertussi; Zinani; dos Santos, 2006, p. 95).

⁵ Excerto presente no paratexto editorial da obra de Montesquieu intitulada “O gosto”. O ensaio de Montesquieu foi publicado no século XVIII.

Ainda conforme o autor, o gosto pode ser considerado a vantagem de se descobrir com certa sutileza e presteza a medida do prazer que as coisas dão às pessoas, havendo o gosto natural e o adquirido: o “[...] gosto natural não é um conhecimento teórico; é uma aplicação direta e requintada de regras que não conhecemos bem. [...] [o gosto adquirido] afeta, muda, aumenta e diminui o gosto natural, tanto quanto o gosto natural afeta, muda, aumenta e diminui o gosto adquirido (Montesquieu, 2005, p. 16-17). Relacionando a questão ao gosto pela leitura, Montesquieu (2005) ainda afirma que os melhores escritores, os que mais agradam, são os que estimulam mais sensações na alma.

Já Magnani (1992), ao aproximar e relacionar os temas gosto e leitura, afirma que "o gosto (como sabor, ou prazer, ou moda, ou opinião, ou faculdade de julgamento) pela leitura, em particular a da literatura, não é um dado da 'natureza humana'" (Magnani, 1992, p. 101).

Tal dissociação entre gosto e natureza, como se aquele fosse originário desta, também é exposta por Pierre Bourdieu (2007), que ainda insere o tema da educação na problemática. Conforme o autor,

contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social. (Bourdieu, 2007, p. 9).

Magnani (1992), ao tratar da formação do gosto pela leitura de literatura em sala de aula, defende a ideia de que existe um processo de formação do gosto por parte do leitor. Ela também acredita que o gosto está relacionado com a educação: "Desenvolvimento e aprendizagem encontram-se, assim, relacionados entre si e com o processo de constituição dos sujeitos históricos, através do trabalho linguístico." (Magnani, 1992, p. 101).

Portanto, ainda conforme a autora,

aprende-se a ler e a gostar de ler; aprende-se a ter satisfação com a leitura; aprende-se a acompanhar modismos de leitura; aprende-se a ter critérios e opiniões de leitura; aprende-se a julgar valores estéticos. A tudo isso se aprende lendo. Dentro e fora da escola. Por tudo isso, podemos pensar que o gosto se forma e que a aprendizagem escolar da leitura da literatura desempenha importante função no desenvolvimento. (Magani, 1992, p. 101-103).

Ainda sob o enfoque do gosto pela leitura, entende-se como importante destacar alguns aspectos que versam sobre a problemática do prazer do texto.

Fraisse, Pompougnac e Poulain (1997) afirmam que, conforme a concepção de Roland Barthes, o prazer do texto funda um postulado que escapa ao controle social e lógico. Percebe-se, no excerto que segue, a relação entre o prazer do texto e a leitura. Segundo os autores,

a leitura implica, portanto, uma travessia feliz do texto, liberdade que vem a constituir o prazer do texto. Se este prazer é um erotismo, isso decerto não se deve ao caráter eventualmente erótico do tema tratado, mas ao da própria escrita, que se torna um erotismo ao mostrar suas 'falhas'. (Fraisse; Pompougnac; Poulain, 1997, p. 133).

Na relação entre o prazer e a leitura, deve ser considerado o prazer de quem escreve e de quem lê o texto, sem que se deixe de lado a fruição, o "ato de aproveitar satisfatória e prazerosamente alguma coisa". (Houaiss; Villar, 2009, p. 932). Referindo-se à fruição que é capaz de estar "presente" no ato da leitura, Barthes (1973, p. 49, grifos do autor) afirma que

o **brio** do texto seria **sua vontade de fruição**: exactamente no ponto em que ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, contrariar a invasão dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em borbotões.

Em seguida, o autor ainda divide o texto em duas categorias: o de prazer e o de fruição. Segundo ele, esta desconforta, faz vacilar a consistência dos seus gostos, dos seus valores e recordações. Aquele contenta, provoca euforia, pois está ligado a uma prática confortável da leitura.

Quanto ao prazer do texto, Barthes (1973) afirma que a sua definição está relacionada a uma prática. E a leitura é uma delas. No momento em que considera o ponto de vista do leitor do texto, Barthes (1973, p. 53) afirma que "o prazer do texto é o momento em que o meu corpo vai seguir as suas próprias ideias – pois o meu corpo não tem as mesmas ideias que eu".

Bourdieu (2007) cita Marcel Proust para relacionar a questão do prazer do leitor de uma obra e as inúmeras redes de relações existentes no ato da leitura. Observa-se:

Proust não deixou de cultivar e, ao mesmo tempo, analisar o prazer culto, quando, para tentar compreender e fazer compreender a espécie de prazer idólatra que se tem ao ler tal página célebre (um trecho de *Stones of Venic* de Ruskin), ele deve evocar, além das próprias propriedades da obra, toda a rede de referências cruzadas que se tece à sua volta, referências da obra às experiências pessoais que ela acompanhou, favoreceu ou, até mesmo, produziu no leitor [...]. (Bourdieu, 2007, p. 459).

A concepção de que o gosto é algo que se aprende e se aprimora, por exemplo, não advém apenas do pensamento de um exclusivo autor. Schneider (2008) fortalece a ideia de Magnani (1992) ao afirmar que o gosto "[...] é necessariamente resultado de cultivo, de

educação, de um entre inúmeros modos possíveis de 'aquisição da cultura'" (Schneider, 2008, p. 16).

É possível, também, relacionar o gosto a questões que envolvem o estilo de vida das pessoas. Conforme Bourdieu (2017), o gosto, a propensão e a aptidão para determinada apropriação, seja material ou simbólica, de objetos ou práticas, é fórmula geradora que se encontra na concepção do estilo de vida. Conforme o autor, é possível afirmar que haja relação entre gosto e distinção, já que "o gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas (Bourdieu, 2017, p. 13).

Gosto puro, rejeição, distinção e fruição são alguns dos termos mencionados pelo autor nas suas reflexões sobre a temática do gosto. O princípio do gosto puro se configura em uma aversão: "pelos objetos que impõem à fruição, assim como aversão pelo gosto grosseiro e vulgar que se compraz com essa fruição imposta" (Bourdieu, 2017, p. 450). O autor entende o gosto como uma espécie de "operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas". (Bourdieu, 2007, p. 163).

Bourdieu (2007, p. 56) ainda assevera que o gosto pode ser considerado como o princípio de tudo o que se possui, "[...] e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado. Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável".

Um sujeito, apto a discernir acerca de qualidades ou defeitos de objetos e fenômenos, algo central na ideia do gosto (Coelho, 2005), estaria contribuindo para a formação do seu gosto.

Outra ideia relacionada à concepção do gosto é a que trata da existência de uma cultura mediada. Conforme Schneider (2008), há mediações "dialeticamente articuladas" que culminam no próprio gosto, considerado por ele como

juízo sintético – para o qual contribuem a percepção, a sensibilidade e a razão – de uma disposição integral (de um *habitus*), o qual, salvo limites externos, ou mesmo diante destes, orienta a ação, a práxis. Esses processos, entretanto, não ocorrem no vazio ou na pura abstração, mas no mundo real, em meio ao qual, hoje, a comunicação pode ser entendida como um "novo ambiente" [...]. (Schneider, 2008, p. 37-38).

A crônica, como gênero inserido no universo da Comunicação Social, já que se entende como produto jornalístico a partir do conceito que a caracteriza como manifestação jornalístico-literária, pode, portanto, ser entendida como um "espaço" que possibilita o

processo de formação do gosto do leitor: a) pela leitura de crônicas; b) pela ampliação do "leque" de leitura de outros gêneros, como romances, poemas e novelas, por exemplo; c) pela leitura de autores e obras possivelmente referidos ao longo do texto cronístico.

“Quintana” e o gosto pela leitura: travessias

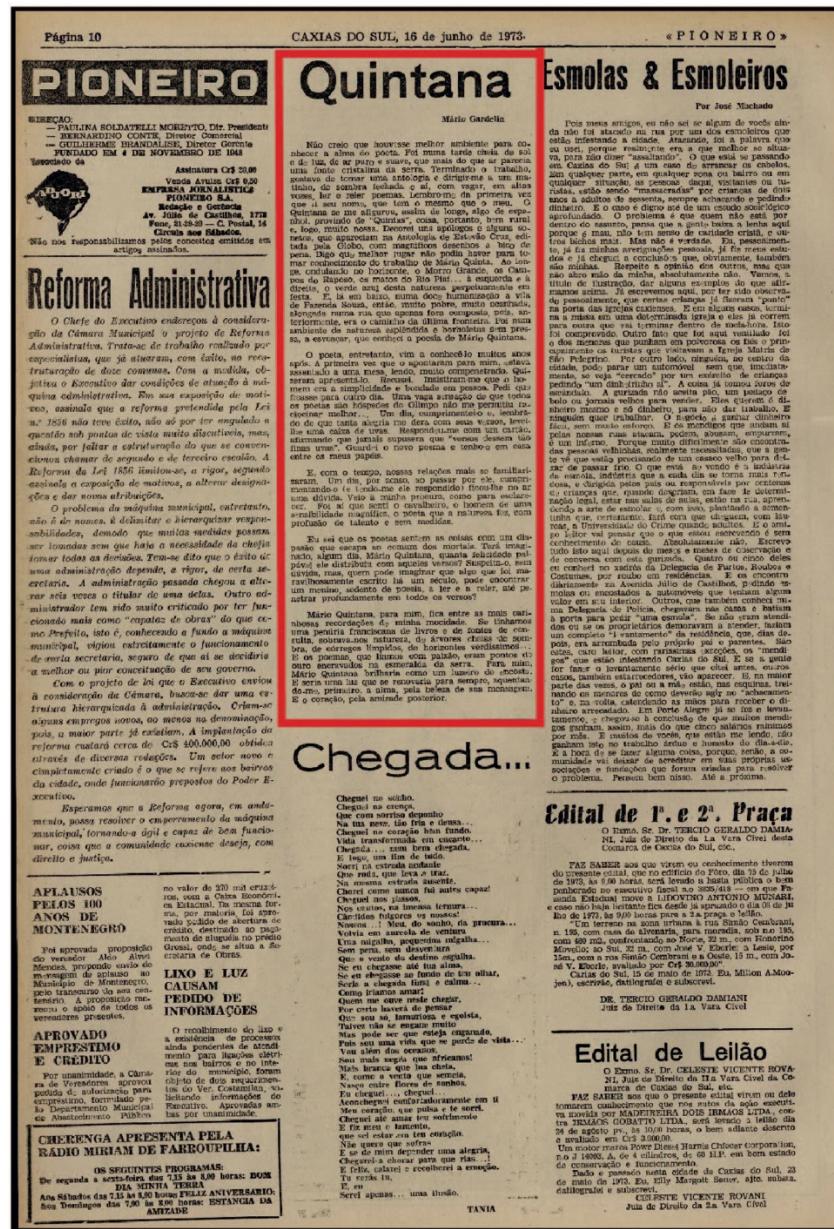
Mesmo não sendo um gênero constituído no Brasil, a crônica alcançou, aqui, singular consolidação. A partir de sua disseminação, configurou-se como porta de entrada da literatura para grande parte do público. Desde o século XIX até os dias atuais, o gênero abriga escritores que, por meio da crônica, muitas vezes, tiveram seu primeiro "contato" com seus futuros leitores, o público receptor.

A mídia impressa da cidade de Caxias do Sul, espaço de publicação da crônica *corpus* deste artigo, também cumpriu importante papel como espaço para publicação do gênero crônica, desempenhando papel importante quando vista sob o enfoque do sistema literário regional. O jornal impresso figurou como alternativa interessante na promoção da leitura, do livro e de demais matérias de leitura antes da criação, em 1970, da primeira editora da cidade, a Editora da Universidade de Caxias do Sul, a EDUCS. Assim, a mídia impressa jornal atuou como importante engrenagem da paisagem literária da cidade e região (Arendt; Cecchin, 2018). Pela crônica, o jornal impresso, mídia tradicional, levava ao leitor assuntos concernentes à leitura.

Em um tom carregado de lirismo reflexivo, próprio da crônica com viés literário, a crônica do jornalista caxiense Mário Gardelin intitulada "Quintana" exalta o poeta Mário Quintana e aclama sua obra. Trata-se de um convite à leitura do poeta gaúcho, um dos mais importantes poetas brasileiros de todos os tempos.

Publicado no jornal *Pioneiro* em junho de 1973, o texto, conforme ilustração que segue (destacado em vermelho), ocupa a parte central da página. Trata-se de um texto de uma coluna que se encontra entre outra crônica e o editorial do veículo, este considerado um gênero jornalístico que ocupa um dos locais de destaque das edições dos jornais e apresenta a opinião da empresa sobre determinados assuntos.

Ilustração 2 – Espaço do texto na página 10 do jornal Pioneiro (16 jun. 1973)



Fonte: Centro de Memória – Câmara Municipal de Caxias do Sul (2018).

"Quintana" traz, como mote central, o "encontro", virtual e físico, do cronista com o poeta gaúcho e sua obra. Já nas primeiras frases do texto, Gardelin (1973) recria e louva, com certo lirismo, o cenário e o ambiente utilizados pelo cronista para a leitura de poesia e, por consequência, para o "conhecimento da alma do poeta" Mário Quintana.

O cronista pinta e emoldura um quadro de um lugar localizado na cidade de Caxias do Sul, situada na Serra gaúcha.

Não creio que houvesse melhor ambiente para conhecer a alma do poeta. Foi numa tarde cheia de sol e de luz, de ar puro e suave, que mais do que ar parecia uma fonte cristalina de serra. Terminado o trabalho, gostava de tomar uma antologia e dirigir-me a um matinho, de sombra fechada e aí, com vagar, em altas vozes, ler e reler poemas. Lembro-me da primeira vez que li seu nome, que tem o mesmo que o meu. O Quintana se me afigurou, assim de longe, algo de espanhol, provindo de "Quintas", coisa, portanto, bem rural e, logo, muito nossa. (Gardelin, 1973, p. 10).

O relato da experiência do cronista não vela o sentimento de prazer do autor em relação à leitura, uma conexão clara com a ideia de que a leitura pode estar vinculada a uma travessia feliz do texto (Fraisne; Pompougnac; Poulain, 1997). O prazer explícito, mais especificamente, se demonstra em relação à leitura de poesia, já que "ler" e "reler" poemas "em altas vozes" era algo cotidiano, diga-se, pois o referido costume estava ligado aos afazeres do ofício. Entende-se que o texto é um estímulo claro a uma possível provação pelo sentimento de prazer pela leitura. O leitor poderia passar a descobrir a medida do prazer e de satisfação que a leitura pode causar, já que, como já visto, aprende-se a ler, a gostar de ler, a ter satisfação pela leitura (Magnani, 1992).

Na sequência do texto, o cronista detalha ainda mais o ambiente utilizado por ele para o contato com a leitura e a poesia – profunda, mas acessível – do "poeta das coisas simples", como era conhecido Mário Quintana. Nota-se:

Digo que melhor lugar não podia haver para tomar conhecimento do trabalho de Mário Quintana. Ao longe, ondulando no horizonte, o Morro Grande, os Campos do Raposo, os matos do Rio Piaí... à esquerda e à direita, o verde azul desta natureza perpetuamente em festa. E, lá em baixo, numa doce humanização a vila da Fazenda Souza, então, muito pobre, muito acanhada [...]. Foi num ambiente de natureza esplêndida e borboletas sem pressa, a esvoaçar, que conheci a poesia de Mário Quintana. (Gardelin, 1973, p. 10).

O autor, com riqueza de detalhes, recria, assim, um ambiente sublime, entende-se, para o ato da leitura.

É possível estabelecer uma associação entre o que Montesquieu (2005) comenta acerca da curiosidade relacionada ao gosto e a curiosidade por determinado autor ou obra literária que, motivo de crônica, chegam ao leitor atento, provocando-o a descobrir "mais" ou até mesmo iniciar o processo de descoberta. Montesquieu (2005, p. 21) ainda afirma que a alma, como entidade, "deve sentir curiosidade pois, como todas as coisas estão numa cadeia na qual cada ideia precede outra e segue-se a uma terceira, não podemos ver uma coisa sem desejar ver uma segunda."

A leitura de uma crônica, cuja temática central pode tratar de um autor ou até mesmo de uma obra recém-lançada, pode acabar despertando tal curiosidade no leitor em "desejar" ver

mais, conhecer mais. "Portanto, é o prazer proporcionado por um objeto que nos conduz a um segundo objeto; é por isso que a alma sempre procura coisas novas, e nunca se cansa de fazê-lo." (Montesquieu, 2005, p. 21).

Entende-se que na crônica "Quintana", Gardelin (1973) projeta tal sentimento de curiosidade no leitor, já que o enaltece, o louva:

O poeta, entretanto, vim a conhecê-lo muitos anos após. A primeira vez que o apontaram para mim, estava assentado a uma mesa, lendo, muito compenetrado. Quizeram [sic] apresentá-lo. Recusei. Insistiram-me que o homem era a simplicidade e bondade em pessoa. Pedi que ficasse para outro dia. Uma vaga sensação de que todos os poetas são hóspedes do Olimpo não me permitiu raciocinar melhor... [...] E, com o tempo, nossas relações mais se familiarizaram. [...] Foi aí que senti o cavalheiro, o homem de uma sensibilidade magnífica, o poeta que a natureza fez, com profusão de talento e sem medidas. (Gardelin, 1973, p. 10).

Tratando com esmero de pormenores os seus primeiros contatos com o poeta gaúcho e elogiando-o com minúcia, o cronista prossegue na tarefa de expor seus sentimentos em relação a ele: "Mário Quintana, para mim, fica entre as mais carinhosas recordações de minha mocidade." (Gardelin, 1973, p. 10).

O texto "Quintana" não deixa de ser pródigo, também, na utilização de palavras que reverenciem a obra do poeta. Projeta-se como manifesto o sentimento de "felicidade" e o prazer adquirido pelo cronista a partir da leitura de versos de Mário Quintana.

Eu sei que os poetas sentem as coisas como um diapasão que escapa ao comum dos mortais. Terá imaginado, algum dia, Mário Quintana, quanta felicidade palpável ele distribuiu com aqueles versos? Suspeita-o, sem dúvida, mas, quem pode imaginar que algo que foi maravilhosamente escrito há um século pode encontrar um menino, sedento de poesia, a ler e a reler, até penetrar profundamente em todos os versos? (Gardelin, 1973, p. 10).

Como fica claro, o cronista também não economiza elogios à obra do poeta. Entende-se que o sentimento de curiosidade do leitor da crônica pela obra de Mário Quintana pode estar sendo aguçado na medida em que são utilizados recursos com o objetivo, entende-se, de causar sensações de contemplação ao artista. Trata-se de uma convocação à leitura de Quintana: "E os poemas, que líamos com paixão, eram pontos de ouro escavados na esmeralda da serra. Para mim, Mário Quintana brilharia como um luzeiro de encosta. E seria uma luz que se renovaria para sempre, aquentando-me, primeiro, a alma, pela beleza de sua mensagem. E o coração, pela amizade posterior (Gardelin, 1973, p. 10).

Mário Quintana, como escritor que agrada o "paladar" do cronista, pode acabar estimulando sensações na alma do leitor-cronista que, a partir do gosto pelo autor, homenageia-

o, exalta-o. A crônica, objeto de manifestação pertencente à cultura de que o sujeito faz parte, estaria, assim, oferecendo tais noções ao leitor que, atento ao texto, estaria contribuindo para a formação de seu gosto.

Magnani (1992) afirma que o aprendizado do gosto depende de um processo de intervenção intencional. Seria, segundo a afirmação da autora, o papel que ocuparia o professor no progresso de seus alunos/leitores: “Se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não-espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva. Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores” (Magnani, 1992, p. 104). É possível, entende-se, estabelecer uma aproximação entre tal papel desempenhado pelo professor e o desempenhado pelo gênero. A crônica, ao tratar de autor e obra ao longo de seu texto, estaria intervindo, intencional e construtivamente, no processo de desenvolvimento do leitor. Sua aptidão pelo discernimento, como já visto algo central na ideia de gosto (Coelho, 2005), estaria sendo desenvolvida.

Como visto, o gosto pela leitura não é da natureza humana (Magnani, 1992). O gosto é algo que pode ser aprendido e o via instrução do sujeito (Bourdieu, 2007). Portanto, já que lhe é concedida a função de ligar alguém a alguma coisa por meio de sentimentos (Montesquieu, 2005), é na crônica, texto solto, curto, leve e de fácil entendimento, que se percebem potencialidades do gênero formador do gosto do leitor. Em uma possível frutífera convivência, a crônica despertar nele uma imensa gama de sentimentos.

Considerações finais

A partir da análise da crônica “Quintana” no jornal *Pioneiro*, estudo que representa um universo de tantas outras publicações desse gênero também em outros jornais da cidade, ao longo de décadas, é possível projetar a crônica literária como peça importante na formação do gosto pela leitura, já que, por diversas oportunidades, fomentou a discussão sobre esse tema, promovendo a obra e o autor e, por consequência, a própria leitura da crônica.

Este artigo segue as palavras do crítico Antonio Cândido, pois confere devido destaque a esse gênero de fácil e cômoda digestão, que por sua leveza e acessibilidade talvez comunique até mais do que estudos aprofundados acerca de determinadas temáticas (Cândido, 1992).

Como visto, é frutífera a relação entre a crônica, a leitura e o jornal, este aqui compreendido na esteira do pensamento do canônico Machado de Assis, que o considera literatura comum, universal e democrática. Desde o folhetim publicado nesses periódicos, gênero embrião da crônica no Brasil, houve a colaboração para que a população brasileira

integrasse o círculo de leitores. Nesse caminho, é significativo destacar que essa pesquisa surge igualmente a partir da intenção do pesquisador de voltar seus estudos à imprensa de Caxias do Sul, haja vista a importância que a ela é atribuída na sociedade como formadora de leitores.

Finalmente, é possível afirmar que a partir da valoração da temática da leitura e de matérias a ela relacionados, a crônica pode estar contribuindo para que o leitor adquira gosto pela leitura, mas também pelo livro, pelo autor, etc. Projeta-se a crônica como gênero em potencial na atividade de educar o leitor, formando-o.

Referências

- ARENDT, João Claudio; CECCHIN, Aline Brustolin. Do assombro regional: o jornal como meio de difusão da literatura na Serra Gaúcha. In: PEREIRA, Helena Bonito; SALES, Germana; ARENDT, João Claudio. (Orgs.). *História da literatura em perspectiva*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018. p. 153-171.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70: 1973
- BOCCHESE, Marcell. *Representações de Leitura em crônicas literárias de jornais de Caxias do Sul (1963-1983)*. 2019. 206 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de Caxias do Sul. Programa de Doutorado em Letras - Associação Ampla UCS/UNIRITTER, Caxias do Sul, 2019a.
- BOCCHESE, Marcell. Representações de leitura: notas sobre a valorização do universo da leitura em crônicas do jornal caxiense Pioneiro. *Conexão: comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 18, n. 35, p. 43-56, jan./jun., 2019b.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção*: crítica social do julgamento. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- COELHO, Teixeira. Esboços do prazer. In: MONTESQUIEU, Charles de Secondar, Baron de. *O gosto*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- CENTRO DE MEMÓRIA. Câmara municipal de Caxias do Sul (Brasil). *Jornais*. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>. Acesso em: 10 set. 2019.
- FRAISSE, Emmanuel. POMPOUGNAC, Jean-Claude. POULAIN, Martine. *Representações*

e imagens da leitura. São Paulo: Ática, 1997.

GARDELIN, Mário. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 16 jun. 1973, p. 10.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Leitura e formação do gosto: por uma pedagogia do desafio do desejo. *Idéias*, São Paulo, v. 13, p. 101-108, 1992.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo*: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MONTESQUIEU, Charles de Secondar, Baron de. *O gosto*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas: 2011. p. 269-279.

SCHNEIDER, Marco. *A comunicação e o gosto*: uma abordagem marxista. 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes (ECA), São Paulo, 2008.

STUMPF, Ida. R. C.; Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas: 2011.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v17.n39.09>

Artigo de autor convidado.